

Gonçalo Preto

The Ballads of a Sundial

10 de Abril – 19 de Maio, 2026

Lisboa

Dependente dos fenómenos exteriores e da intuição espaciotemporal de quem observa, o sensível habita um domínio caracteristicamente intersticial, situado entre o real/absoluto e aquilo que pode vir a ser interpretado pelos sentidos. Concebido como um entre-lugar aberto à possibilidade, este define o intervalo onde o trabalho de Gonçalo Preto se inscreve, um território de fronteiras imprecisas que toma forma em *The Ballads of a Sundial*, a sua primeira exposição individual na Galeria Pedro Cera. Nesta, o relógio de sol funciona tanto como metáfora quanto mecanismo; como um dos instrumentos mais antigos para medir o tempo, a projeção do seu ponteiro sobre qualquer superfície traça uma cadência que depende inteiramente da interação entre claridade (dia e presença) e escuridão (noite e vazio), da qual emerge a penumbra como local indefinido e intangível onde tudo se mantém latente e próximo daquilo que o originou.

Na parcialidade do diálogo entre a luz e a sombra, as pinturas de Gonçalo Preto aventuram-se por um campo paralelo e ambíguo, planeado com uma cuidada atenção ao detalhe. Tomando como ponto de partida o conceito de uma balada, percebida como conto ou narrativa poética, o artista rompe com uma trajetória sequencial para criar um percurso permeável à contingência. O seu epitome encontra expressão em *Bank of Senses I* e *Bank of Senses II*, onde capa/contracapa e páginas de um mesmo livro – ou de dois livros diferentes, não teremos certeza – se apresentam como inscrições do próprio artista durante as sessões no estúdio. Como arquivos de sensações, parecem guardar uma história deixada por revelar ou de lógica incerta, cujo enredo tanto obscurece quanto ilumina os pequenos elementos ambíguos que evocam a imaginação e a reminiscência.

A acumulação surge na exposição sem coerência aparente, à medida que diferentes referentes visuais se dispõem como fragmentos de escalas e temporalidades diversas, fenómeno que nasce da particularidade artística de Gonçalo Preto, para quem nenhuma imagem existe isoladamente; o próprio processo criativo é também ele um espaço de deriva, de adição e subtração contínuas, onde o traço se constrói na relação entre unidades. Como uma montagem cinematográfica que não encadeia linearmente, mas que choca em cadeia para fabricar uma nova relação – retomando o interesse do artista pelo cinema soviético de Sergei Eisenstein e Dziga Vertov – *The Ballads of a Sundial* abre-se à natureza incessante de uma interpretação curiosa, ao desejo de revelar as coisas de um mundo vago e em camadas. Sob o impulso de um devaneio poético, o observador é confrontado com vislumbres que se formam na sua mente em associação livre. Banhado por uma luz ténue, o tempo desacelera, transformando o exercício de perceção num de experiência tanto atenta quanto desagregadora.

Nesta conjuntura, somos imersos em atmosferas que nos atravessam e nos conduzem a universos alternativos, ressoando a travessia evocada por *Planet Caravan* ou *Rockstar (After V.C.)* – dimensões outras que escapam ao plano pictórico, convertendo-se em buracos negros ou brechas capazes de nos absorver e, simultaneamente, de inundar o plano em que nos encontramos. É neste campo que se revela novamente um dos fios condutores do trabalho de Gonçalo Preto, do seu interesse em explorar os limites da artificialidade de um meio que, desde os seus primórdios – como nos recorda a emblemática disputa entre Zeuxis e Parrásio –, foi concebido como espaço de ilusão. Mas se a artificialidade pode operar como limiar elusivo entre um domínio e o outro, permite-se igualmente revelar como dispositivo de rutura ótica. *Double Trouble* une a mesma silhueta em variações imprecisas de reflexos luminosos e opacos, a partir dos quais o duplo surge como

Pedro Cera

Lisboa
Rua do Patrocínio 67 E
1350-229 Lisboa, Portugal

Madrid
Calle de Barceló 13
28004 Madrid, Spain

info@pedrocera.com
www.pedrocera.com

registo da ausência; já *O Canto do Trovador* determina uma caixa de sombra cuja iluminação é orientada de modo direto e disperso, deslocando qualquer referência espacial numa harmonia formal sustentada por uma inversão delicada da ordem. Dispostos em configurações circulares, os insetos sugerem uma leitura que não se revela de imediato, agrupando-se sobre uma superfície branca que ora deixa transparecer o cavalete que a sustenta, ora parece projetá-lo sobre si. O clarão difuso onde tudo é possível retorna ao discurso pictórico, elevado pela escolha de uma entomofauna inspirada em ilustrações científicas, imagens de outras imagens; atraídas pelo foco de luz simulado, estas criaturas movem-se como uma audiência ao sabor trovadoresco do gesto artístico, questionando até onde se estende a atenção na criação de sentido.

Entre ângulos dissonantes, ausência de linhas de horizonte e outros aparatos de mediação, o instante e topologia da pintura desaparecem para se confundirem com o fluxo da fruição. A relação com a fotografia percorre este trabalho de maneira fundamental. Os enquadramentos, a manipulação da luz e a possibilidade de múltiplas dimensões oferecem a Gonçalo Preto uma liberdade infinita de organização e deslocamento; no entanto, estas estratégias são invertidas e calibradas, cada obra apresentada à escala real para criar uma relação física e direta com o corpo-preceptivo. Concebido num campo ilusivo, o trabalho retoma a tradição pictórica de uma janela aberta para o mundo, cuja lógica é adotada estruturalmente em *Intempéries*, composta por 54 painéis dispostos em grelha. Ao assumir a proporção real da janela pela qual o artista passa diariamente a caminho do estúdio, a obra retém a passagem do tempo como um relógio de sol que articula um jogo linguístico – ou “trocadilho visual”, nas palavras de Gonçalo Preto –, captando não apenas uma cápsula do tempo, como uma cápsula do gesto que, sem a intenção de representar a realidade, acaba por transcendê-la no sensível.

São três os capítulos desta balada sem fim (ou sem finalidade): a luz, o tempo e a memória. Em cada um, os títulos são cuidadosamente escolhidos para indicar uma direção e, em seguida, subvertê-la, ativando o observador como descodificador de ambientes liminares, enquanto os objetos se apresentam personificados, convocando fragmentos de memórias pessoais. Espaço e tempo deixam de se apresentar como coordenadas estáveis, surgindo antes alienados ou subtilmente perturbados, como se cada pintura instaurasse o seu próprio regime de duração e orientação. No silêncio de um microcosmo que se aparenta estagnado, os trabalhos de Gonçalo Preto vibram numa frequência quase inaudível, um zumbido que suspende o absoluto e o devolve à penumbra daquilo que já se revelou, e daquilo que permanece por acontecer.

—

A pintura de Gonçalo Preto ocupa um lugar misterioso entre o virtuosismo técnico e a sua subversão, informada por meio de uma relação com a fotografia. A penumbra e a sombra surgem como elementos constitutivos das atmosferas tensas que os seus trabalhos convocam, por entre narrativas dispersas que compõem um universo pictórico assente na ausência e na imaterialidade. Fontes luminosas, negritude, aproximação ou desfoque surgem como métodos que sustentam um discurso pictórico onde o visível é constantemente ameaçado pela sua própria dissolução, evocando um tempo indecifrável marcado por fragmentos de memória e imagens reconstruídas. Insistindo na ambiguidade como força expressiva, o trabalho de Gonçalo Preto propõe uma densidade atmosférica onde a visão é continuamente desafiada pelo inominável e pelo impercetível.

Gonçalo Preto (n. 1991, Lisboa, Portugal) vive e trabalha em Nova Iorque. Em 2024 concluiu o seu Mestrado em Belas-Artes na Rhode Island School of Design, tendo estudado anteriormente na Academia de Artes da Universidade de São Francisco, nos Estados Unidos, e na Kassel Kunsthochschule, na Alemanha. Possui o grau de licenciado em Belas-Artes, outorgado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade

Pedro Cera

Lisboa
Rua do Patrocínio 67 E
1350-229 Lisboa, Portugal

Madrid
Calle de Barceló 13
28004 Madrid, Spain

info@pedrocera.com
www.pedrocera.com

de Lisboa, tendo sido ainda galardoado com uma bolsa Fullbright/Fundação Carmona e Costa (2022-2024). Exposições individuais recentes incluem *Phantom Limb* (2024), Andrew Reed Gallery, Miami, EUA; *A Cadência de uma Chama* (2024), *Middle Finger Pedestrians* (2019) e *FRAG-MEN-TO* (2017), Galeria Madragoa, Lisboa; e *LIMBO* (2019), Museu Carlos Machado, Ponta Delgada (São Miguel), Açores, Portugal; entre outras. Em 2025, o seu trabalho foi apresentado pela primeira vez na Galeria Pedro Cera, como parte da exposição coletiva *On Immanence*. Outras mostras coletivas recentes incluem *Out of Frame* (2025), Jack Barrett Gallery, Nova Iorque, EUA; *Prophetic Dreams* (2024), Kutlesa Gallery, Goldau, Suíça; *What Lovers Do* (2024), The FLAG Art Foundation, Nova Iorque, EUA; *MICROPOLÍTICAS* (2024), CACE – Centro de Arqueologia de Beja, Portugal; *Blind Taste* (2024), ARBAG, Lisboa; *Silvers in the Void* (2023), MAMOTH, Londres; *In the Heat of the Night* (2023), Andrew Reed Gallery, Nova Iorque, EUA; *BIG OBJECTS* (2023), Marvin Gardens, Nova Iorque, EUA; e *Figuration through Abstraction* (2022), Andrew Reed Gallery, Miami, EUA, a título de exemplo. Recebeu vários prémios, incluindo uma bolsa Fulbright FCC (2022); bolsa da Rhode Island School of Design, Providence, RI (2022); e foi finalista do Prémio Hopper (2023), entre outros.

Pedro Cera

Lisboa
Rua do Patrocínio 67 E
1350-229 Lisboa, Portugal

Madrid
Calle de Barceló 13
28004 Madrid, Spain

info@pedrocera.com
www.pedrocera.com